

Gangues, galeras e as malhas do tráfico: juventude no fio da navalha.

Crise na ética do trabalho
Formação de redes fechadas de sociabilidade
Medo da morte precoce

Por

Marco Bourguignon

Instituto de Filosofia e Ciências Sociais - Uerj
Ciências Sociais - Sociologia

Rio de Janeiro

1998

1. Crise da ética do trabalho:

Com a globalização ocorre uma diminuição das tarefas do Estado Nacional, dando uma maior ênfase na produção, agravando os problemas sociais e aumentando a fragmentação da sociedade.

A modernização, através da automação e informatização aumenta a quantidade de desempregados inadequados do novo ritmo de produção.

Com o trabalho é regulador consensual das relações sociais, quem não o possui torna-se um estranho. Surge uma nova forma de exclusão social; pois a falta de perspectivas de integração ao mercado de trabalho gera uma perda de sentido de pertinência a vida social.

Que “lugar social”, em uma sociedade tipicamente produtivista e consumista, podem ocupar os destituídos destas características?

É neste ponto que podemos falar na crise da ética do trabalho. Pois quem está integrado diz: “o trabalho dignifica o homem”, compensa. Os de fora, que vivem com todo seu tempo ociosos (não possuem proteção do Estado) pensam: “o trabalho não compensa”.

No caso dos jovens, quando ocorre uma integração ao mercado de trabalho com o intuito de consumir, demonstram a outra modificação desta ética, perdendo aquele sentido de integração e orgulho que seus pais possuíam, tornando-se apenas instrumental, resultando num menor investimento pessoal e objetivo na própria atividade, enquanto aprendizado de um ofício ou etapa de uma carreira.

A formação de redes fechadas pressupõe uma forte segmentação social. Neste caso, irei falar sobre alguns fatores que a criaram, ou seja, que diminuíram o espaço e sentimentos públicos nos cidadãos.

Como foi mostrado, a exclusão do mundo do trabalho, e com isso, o rompimento dos laços integrativos, é um fator agravante das diferenças, chegando ao limite de não permitir em alguns casos um mínimo consenso de comportamento e convívio¹.

Com a redemocratização, novos movimentos sociais, como das associações de moradores surgiram, utilizando a democracia participativa para a resolução de seus problemas e repudiando a representativa por ser baseada no clientelismo. Mas apesar dos objetivos serem distintos, seus efeitos relativos a segmentação da sociedade foram parecidos, pois os líderes sempre precisavam falar direcionando o discurso para a comunidade, apenas acrescentando uma visão mais geral dos problemas, inviabilizando a construção de princípios de solidariedade com estranhos, característicos da reciprocidade moderna.

Somando a isso, devido ao forte desejo de autonomia frente ao Estado, ocorrera, desconfiança com os líderes no momento em que as associações passaram a receber recursos do governo para benfeitorias na comunidade, diminuindo a força deste movimento e sendo um dos motivos de afastamento de vários integrantes.

Do mesmo modo que a participação dos dirigentes nas eleições, criando um forte sentimento de traição por parte dos outros membros. Apesar do comportamento ser de acordo com a religião dos integrantes. Pois os evangélicos logo se afastavam ao

menor sinal de corrupção, enquanto os católicos possuíam maior maleabilidade, dizendo ser necessário continuar, para que o movimento não fique apenas nas mãos destes maus intencionados.

Este também foi o período da organização transacional do tráfico de drogas, que se instalou principalmente na favela, aumentando o poder das quadrilhas que nelas vivem.

Tais grupos aumentam seu efetivo de integrantes por conseguir dar respostas as demandas das propagandas de consumo, sendo uma forma de conseguir bem para os que dele fazem parte, em outros casos como proteção a inimigos criados por dependentes que não conseguiram soldar suas dívidas ou pelo fascínio do poder.

Com o aumento da violência, seus efeitos mais evidentes foram a modificação do visual das residências, através de muros altos, grades, alarmes..., mas principalmente o descrédito da participação em espaços públicos, com a evidente negação da cidadania, tornando-se a crença na democracia restrita a eleição de um executivo forte, e por outro lado, o retorno ao convívio com a família e amigos próximos.

¹ Um exemplo está no contato com os meninos de rua e mendigos.

2 - Formação de redes fechadas de sociabilidade:

Contardo Galigaris afirma que “o capitalismo no Brasil é pré-fordista” (Galigaris, 1996, p. 248). Seu argumento está relacionado com a presença da escravidão ainda hoje no Brasil, mas o interessante é sua afirmação de que o capitalismo moderno começa com as idéias de Henry Ford, qual seja, a grande produção que transformariam os produtores em consumidores, com o aumento do mercado interno e a distribuição de rendas. A elite brasileira relutaria em implementar este modelo. Mais esse tempo já vai longe... a acumulação capitalista não tem mais necessidade da grande produção industrial. Com os processos de automação e informatização a indústria cede seu espaço de geradora de empregos para o setor de serviços. A consequência é o desemprego e a criação da economia informal.

A produção industrial volta-se cada vez mais para setores específicos da sociedade, para uma elite consumidora. Aqueles que não se adaptam a nova dinâmica da globalização e as novas exigências do processo produtivo são descartados. Não se trata mais do antigo dualismo excluídos e incluídos, onde com o termo excluído pretendia-se designar a *reinserção* dos indivíduos inadequados ao mercado.

No novo processo de desenvolvimento brasileiro, na era da globalização, o termo excluído deve ser entendido como o sacrifício humano que se deve pagar para se atingir o progresso. Trata-se de um desenvolvimento devorador baseado no esgotamento e na *descartabilidade* contínua tanto dos recursos humanos quanto dos naturais. Em contraste com o *neo-liberalismo* surge a *neo-miséria*

estabelecendo-se um fosso social, onde os indivíduos são descartados de várias relações sociais, eles não possuem um lugar social, não possuem trabalho, escola, não são relacionados em programas sociais, não são atendidos pela previdência e nem possuem seguro desemprego.

Em resposta a este apartheid social dos novos excluídos dos anos 80 e, assim com eles, os novos movimentos sociais, surgidos com a redemocratização do país, vão situar-se fora do campo da política, dos direitos sociais e da prática da cidadania.

A ideologia comunitária, influenciada pela Igreja Católica, predomina nestes movimentos, apesar de se oporem ao clientelismo usam da mesma fórmula de segmentação que divide a população com relação a compromissos, interesses e demandas gerais e públicas. Baseada numa concepção pré-modernista de reciprocidade, rejeita as idéias de classe, nação, para o desenvolvimento de uma solidariedade com estranhos, característicos da reciprocidade moderna.

Um exemplo da falta de solidariedade, de reciprocidade entre diferentes pode ser dado pela relação entre a cidade e a favela no Rio de Janeiro. A implementação do comércio da cocaína e do tráfico de armas teve como consequência o aumento da violência.

Por sua parte, a mídia lança ataques violentos contra a favela, responsabilizando-a pelo tráfico e divulgando uma imagem inexpugnável dos traficantes, desvirtuando o foco do debate político relacionado com a corrupção do sistema jurídico e policial e a incapacidade do poder público em controlar o comércio da cocaína e do tráfico, exemplificado na sexta-cheira. Aumentando, desta forma o preconceito contra os moradores da favela.

Enfatizando esta falta de solidariedade entre diferente dos novos movimentos sociais, podemos citar a relação entre as associações de moradores e o tráfico.

Quando da sua implementação verificou-se o interesse do tráfico nas associações de moradores. As associações começaram com a organização dos moradores numa espécie de administração participativa para resolverem os problemas relativos a água, o esgoto, a luz e todos assuntos concernentes a comunidade. Dado os interesses dos traficantes pelo controle da comunidade, começaram a apresentar candidatos as eleições das associações de moradores e a intimidar as lideranças. Aí começa o esvaziamento das associações que vai culminar com a proximidade das eleições no país. Nas associações caracterizadas por uma espécie de democracia participativa, o tráfico praticamente impede a realização das atividades rotineiras. Nas outras em que se verifica uma representação democrática, montada no clientelismo, numa troca de bens e serviços entre políticos e moradores, a proximidade das eleições faz com que as associações sejam disputadas por diversos partidos de esquerda concorrentes a cargos políticos e diversos companheiros das associações começam a candidatar-se. As pessoas sentem-se traídas e abandonam também este tipo de associação, dado que os ideais do trabalho comunitário desinteressado foram deixado para trás. Portanto, estes novos movimentos sociais, considerados de esquerda, os quais tiveram importante participação da Igreja Católica, cuja associação de moradores é um exemplo, contribuíram na verdade para o ressurgimento do conservadorismo, do clientelismo, tornando impossível a igualdade de cidadania focado no consenso de grupo

diferentes. Os intelectuais brasileiros preocuparam-se com a extensão dos direitos políticos a cada vez mais setores da população, sendo que o resultado foi uma cidadania incompleta, restrita ao papel, a lei.

Dado a crise de legitimidade e o medo de iminente colapso social as pessoas procuram a saída numa religião devido ao fato da não existência do político e do jurídico. A comunidade católica está mais voltado para as questões políticas. A partir das CEBs surgiram as associações de moradores, movimentos contra o custo de vida, demanda de creches, ou seja, movimentos coletivos que não apoiam soluções individuais, questões pessoais da vida privada são interpretados como reflexo da situação econômica.

Ao contrário, o neopentecostalismo, está diretamente relacionado com as soluções individuais para os problemas da vida privada: a família, seus filhos, o trabalho, os problemas do esgoto, da água e da luz. Enquanto os militantes católicos preferiam manter a distância dos traficantes armados, os protestantes escolheram a via da proximidade evangélica para conversão ao rebanho. Manchete e capa da revista VEJA de 15 de julho de 1998: A fé contra os crimes, mostra as vitórias alcançadas pelo neopentecostalismo na batalha contra os crimes e as drogas que, aparentemente, deveriam ser de competência da polícia. A inserção da religião nas penitenciárias e a diferenciação entre os criminosos convertidos e os não convertidos são resultados do neopentecostalismo, assim como a conversão dos garotos pobres como forma de escapar a única força organizada nos locais onde moram, qual seja, os narcotraficantes, dado a ausência de empregos e políticas públicas.

Por sinal são os jovens o segmento social que mais catalisa e exterioriza, de forma desordenada muitas vezes, as tensões sociais. Os efeitos da nova dinâmica de exclusão social transformam as ruas das grandes cidades no local de trabalho e moradia de crianças e adolescentes, excluídos do direito à vida em família, à escola e, sobretudo ao direito de serem crianças, interagindo com a delinquência, o crime, as drogas e a violência policial e dos grupos de extermínio.

A formação das galeras se contrapõe ao vazio de referentes do cotidiano das grandes cidades, e a formação de uma identidade comum entre os jovens excluídos produzindo sua própria sociabilidade, sua solidariedade local na apropriação de espaços urbanos. Essa ausência de valores causada pelo vazio de referentes da autoridade, da lei, impulsionam jovens de todas as cidades do mundo na prática da violência sendo, portanto, uma forma de afirmação dos jovens de diversas esferas culturais. É uma forma das galeras, das gangues tornarem visíveis a sua exclusão social. Essa apropriação dos espaços públicos acaba rompendo com a geografia da exclusão, dado que a pobreza passeia pelos locais mais visíveis da cidade, sendo considerado como uma violência por aqueles que tem algo a perder.

Ainda com relação a esta tão propalada periculosidade do jovem, estereotipada e tão ao gosto da mídia com suas reportagens realísticas da violência juvenil e a questão da busca de identidade nas novas relações de sociabilidade, o mundo funk é um exemplo característico. As manchetes dos jornais, constantemente, abordam a violência dos bailes funk. A depredação dos ônibus, as reclamações dos vizinhos por causa da baderna causada nas ruas

nas saídas dos bailes, as brigas de galeras rivais, tudo isso são manchetes dos jornais. Muitos atribuem aos lugares superlotados, ao ritmo do Hip hop. No entanto, a violência gratuita dos jovens está muito mais relacionada, como foi observado anteriormente, a ausência de valores causada pelo vazio de referentes de autoridade, da lei, do que por qualquer outra coisa. São formas de se tornarem visíveis sua exclusão social. Não parece correto afirmar que a identidade do funk esteja restrita aos bailes, é claro que não é a mesma do movimento black-power, por exemplo, no entanto existe um outro tipo de consistência. O baile é a cartase de jovens que estão envolvidos no mesmo contexto social de violência causado pela exclusão.

Não existem planos, não existem acordos entre eles para que possam superar este estado de selvageria dado que para isto seria necessário o uso da racionalidade científica, e a esse tipo de conhecimento eles não tem acesso. Poderíamos aqui aplicar o estado de natureza de Hobbes, e tanto isto é verdade que se não houvesse uma certa dosagem com as músicas lentas o baile seria uma pancadaria do início ao fim, pois as músicas de contexto violento, que retratam a realidade vivida pelos participantes e mesmo aquelas de forte apelo sexual são as que dão o tom do baile, que causam o maior frenesi, que atestam ser o baile bom ou não.

Novamente é importante observar a participação do neopentecostalismo na conversão dos filhos dos excluídos, haja visto a juvenização do tráfico de drogas que seduz uma parcela dos jovens pelo dinheiro e pelo poder. A vida dos traficantes, não aquela diretamente relacionada ao tráfico, mas quando participam de

festas onde estão sempre cercados por garotas, bem vestidos, a própria relação de poder com os companheiros que precisam dar-lhes segurança. Todos esses dados associados com o apelo de consumo da mídia são fatores que seduzem os jovens a participarem do comércio de drogas de onde ganharão dinheiro para poderem comprar roupas da moda, que os diferenciarão dos seus amigos da mesma idade, atraindo com isso a atenção das garotas, com as quais poderão gastar seu dinheiro num shopping, num baile. Desta forma, o intenso convívio na localidade dos jovens com os traficantes faz com que eles passem a admirá-los e daí para experimentar algum tipo de droga e ficarem dependentes é um passo. E aí começa o caminho sem volta. Para sustentar o vício prestam pequenos serviços ao traficante, o famoso avião. Além disto, podemos também relacionar a prática de pequenos furtos que acabam transformando-se, mais tarde, em delitos maiores, mais arrojados. Para tal faz-se necessário o primeiro contato com uma arma, a qual pode ser adquirida através de um empréstimo com um traficante, sabendo diante mão, que o sucesso de uma empreitada deste tipo fará com que ele compre sua própria arma, caso contrário, em que algo dê errado e ele tenha que se desfazer da arma, poderá pagar com a própria vida. E desta forma ele já se encontra inteiramente envolvido com a delinqüência e com seus laços de solidariedade, pois as leis do crime organizado estão baseadas na confiança, no cumprimento de tratos estabelecidos, cujo rompimento é pago com a morte. E matar é uma das formas de se manter vivo neste negócio, é uma das formas de defender seu território e, aos 14/15 anos, muitos já mataram e também morreram nas guerras entre guangues, no extermínio feito por policiais, pelos próprios companheiros, ou pelos inimigos. E, com relação a idade,

quanto mais novo o bandido, mais perigosos ele se torna, haja visto a necessidade de criar fama entre o grupo, ao contrário dos bandidos mais velhos que são considerados pela comunidade.

3. Medo da morte precoce:

A morte precoce está intimamente ligada a juvenização da violência e da criminalidade. Esse debate está atualmente sendo discutido no mundo inteiro, em vista da crescente cooptação dos jovens para a violência. Diversos são os fatores que tentam dar conta de uma explicação mais objetiva, mas muitas são controvertidas. O aumento da violência gerada por jovens pode estar associada aos graves problemas sociais que a sociedade globalizada (ou em via de) enfrenta nesse fim de século. Muito desses problemas catalisados pela juventude.

A extrema direita nos países europeus a cada dia recruta mais jovens para a suas fileira, fazendo crescer o ódio pelo diferente, ódio pelo negro, judeus e muçulmanos. Segundo Angelina Peralva (Peralva, 1996) esse fascínio pela extrema direita marca um comportamento regressivo, nostálgico de uma ordem social e nacional posta em cheque pela modernização da economia e pela globalização. Procuro alçar um vôo maior e afirmar que a mudança na estrutura social e a redefinição das identidades nacionais faz aflorar um sentimento de angústia e revolta. Agora o outro não está longe, separado, em continentes adversos, ele está inserido na sociedade de seus pais. Os filhos dos imigrantes não são estrangeiros, ganham a cidadania e os direitos, os mesmo dos filhos dos nativos e herdeiros da nacionalidade. Como conviver com o outro, cultura e aspecto físico diferente, que ao mesmo tempo pertence ao seu território. Laços de família e hereditariedade não são mais razões para nacionalidade, mas sim a assimilação do grau de pertencimento a uma nação e aos seus símbolos.

Podemos ver na Alemanha, depois da unificação, um crescente aumento de crimes raciais praticados por jovens. Segundo Peralva (Peralva, 1996), essa violência apoia-se em duas lógicas: um desejo integrista de proteção, expresso através da nostalgia de uma ordem social que se desfaz; e a uma conduta de risco.

“...o engajamento voluntário dos sujeitos em riscos de morte é o mecanismo ao qual recorrem para enfrentar a angústia diante de um mundo desprovido de proteção (Peralva, 1996, p. 3).

No Brasil essa conduta de risco envolve diversas formas de violência, não só a violência policial contra os jovens, como a dos jovens contra os setores miseráveis, como a eles próprios, como no caso do surf ferroviário².

Essas violências são evocadas por jovens, ou contra eles, não mais numa relação de conflito entre gerações, mas de afastamento axiomático da forma como interpretam o mundo.

Para Peralva (Peralva, 1996), a angústia da morte é um elemento indutor da violência, independente do grau de violência. Esse grau são diferentes entre o contexto europeu e brasileiro, mas contudo um elemento igualmente presente na base das condutas violentas.

Os jovens favelados e até mesmo os jovens de classe média estão tão próximo da morte, que passam a todo o momento desafiá-la, claro que esse desafio já acontecia em outros tempos, mas nesse fim de século ganha maiores dimensões por causa dos

rumos incertos que a sociedade toma³. O desemprego, a fome e a degradação humana assusta o jovem que passa a encarar a morte como forma de se manter vivo.

A angústia da morte marca no Brasil experiências de desafios a morte como o surf ferroviário, os “pegas” e o engajamento da juventude no tráfico de drogas.

Os jovens se aliam a grupos que lhe oferecem proteção, essa cooptação é muitas vezes involuntária, a sociedade exercendo sobre o indivíduo sua forma de agir. Fora do grupo ele não é nada. As novas formas de sociabilidade que se realizam entre os jovens dos bairros periféricos das grandes cidades, nascem da socialização na rua, desenvolvem relações de amizade e lazer, enfrentam a violência urbana e lutam pela sobrevivência, confrontam-se diariamente os aparelhos repressivos. Na busca de um espaço para se expressarem e viverem, constroem identidades coletivas e diversos signos de sociabilidade. Uma das ações criadas para se expressarem na sociedade é a música, a dança, arte e muitas vezes a violência. O RAP, o pagode, o funk, o rock e o regger são algumas formas dessas expressões, além das pinçações de muros e espaços públicos. Uma forma de marcar presença e mostrarem que existem para a sociedade.

“Ruas e praças da cidade são ocupadas pela presença de incontáveis agrupamentos coletivos juvenis, estruturados a partir de galeras, bandos, gangues, grupos de orientação étnica, racista,

² O jovem se pendura no teto, ou nas janelas dos trens, passam a viajar ao sabor dos ventos desafiando a morte, sua eterna companheira.

³ A falta de perspectiva, visão do futuro faz com que o mundo não desperte mais sentido, seus amigos são mortos por balas perdidas, assaltos ou seqüestros. Matar ou morrer faz parte do cotidiano.

musical, religiosa ou as agressivas torcidas de futebol. Muitas vezes a violência sem significação aparente surge como parceira inseparável dessa manifestação, que ora se exprimem nos bairros periféricos, ora se deslocam para o centro da cidade. Percebe-se uma nova apropriação do espaço urbano, que desafia o entendimento e exige uma aproximação mais sistemática para sua compreensão”(Sposito, 1993, p. 162).

Sem as gangues o jovem não se torna indivíduo, é apenas mais um a vagar pela cidade. Não possuem acesso as formas de diversões e nem são protegidos contra violência de grupos rivais, ou até mesmo a polícia. Dentro de um grupo ele ganha notoriedade, sendo o seu grupo forte, adquire respeito e admiração. O ingresso numa gangue é uma forma de ser aceito⁴, de não ficar só, deslocado. Dentro desses grupos que acontecem os namoros, as festas e as atividades sociais.

A violência nos bailes mostra uma faceta muito comum, onde grupos rivais se encontram pelo prazer de desafiar a morte. As gangues de classe média da zona sul no Rio de Janeiro correm atrás de mendigos, espanca-os e os imolam vivos para saciar a fome da inimiga inderrotável, a morte.

⁴ O jovem da periferia, favelas e bairros populares buscam dentro desses grupos buscarem uma identidade própria. Muitas vezes esse ingresso se dá de forma involuntária, às vezes uma violência sofrida pela polícia, grupos rivais ou mesmo na família, faz com que o jovem procurem conforto e ajuda em gangues. A proteção e a participação é trocada pela lealdade ao grupo, com regras bem claras e definidas. O que a gangue decide, todos devem acatar, não é aceito qualquer ruptura. Quando essa acontece o jovem fica vulnerável aos inimigos e a própria gangue que pertencia. Outra forma de ingresso se dá pela identificação pelos símbolos e a vontade de pertencimento, o grupo fascina, idealiza e o poderá fazer ser alguém. Esses grupos se formam entorno da academia de luta, academia de ginástica, praia, clube, rua, bairro etc... Num espaço comum e de nível mais ou menos igualitário entre seus membros (N.A.).

O mesmo fascínio é também exercido pelo tráfico de drogas. Não só pelo poder do dinheiro, mas também pelo poder social, a respeitabilidade e o medo que pode provocar nos outros, mesmo que essa glória seja por tempo limitado. O traficante representa a morte, tem o poder da vida e da morte. O arsenal bélico conduz o jovem a uma noção de superioridade, apesar de saberem que são vulneráveis. Sozinhos, por qualquer ruptura com a organização, o deixará vulnerável e a morte certa. Matar, roubar, estuprar e morrer faz parte do seu cotidiano.

O fascínio do tráfico pela juventude está sobretudo ligado a idéia de poder, tanto o poder monetário, mas como o poder de coação social. A ostentação de armas é a força da virilidade que impõe o respeito através do medo. A droga vem e abastece a classe média nos seus vícios. Enquanto o prestígio dessa ilegalidade dar o poder ao jovem. Ele sabe que esse poder é curto, mas não abre mão de aproveitá-lo, por isso matar e ser morto é um cotidiano. O espaço público não dá conta desse mesmo jovem extravasar as suas angústias e canalizar o potencial para algo mais sustentável. O poder público com seus instrumentos não seguram o jovem, pelo contrário, utilizam das formas repressoras para aumentar cada vez mais a distância social.

“As pesquisas mais recentes confirmam o que vinha sendo reiterado em vários trabalho sobre as mortes violentas entre adolescentes acima de 14 anos de idade, sistematicamente assassinados provavelmente na sua maioria por outros jovens da mesma idade e por policiais corruptos”(Zaluar, 1998).

O homem é o único animal que tem consciência da morte, com essa consciência torna a morte a sua fiel inimiga. Para a morte provoca desafio e para morte entrega os inimigos. É necessário que o poder público e a sociedade civil canalize essa força produtiva e criadora, tirando o jovem das mãos da morte. A rua é o local perigoso, onde a grande parte dos jovens se socializam, com regras e condutas próprias. A escola não consegue tirar a juventude da rua, não mais cumpre o seu papel socializadora e construtora de um bem estar futuro. O mercado de trabalho não traz mais o *glamour* passado de ter uma profissão e se dedicar a ele como algo honrado. O mercado de trabalho é apenas uma ponte para o consumo, para os apelos da mídia e da sociedade de consumo capitalista. A frustração do mercado de trabalho faz o jovem a buscar novas formas de conseguir chegar ao consumo, essas formas muitas vezes geram a violência e a morte.

Bibliografia:

- CAIFA, Janice. *O movimento punk na cidade – a invasão dos bandos sub*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1989.
- DIÓGENES, Glória. Globalização, exclusão e violência o caso das gangues (versão preliminar), Fortaleza, abril, 1996.
- GALLIGARIS, Contardo. *Nota sobre os desafios para o Brasil*, In.: Souza, J. (Org). *Multiculturalismo e Racismo, uma comparação Brasil – Estados Unidos*. Ed. Paralelo 15.
- KUMA, Krishan. *Da Sociedade pós-industrial à pós-moderna: novas teorias sobre o mundo contemporâneo*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1997.
- LIMA, Samarone & PAIXÃO, Roberta. *Salvos pela palavra*. Revista Veja, Rio de Janeiro, 15 de julho de 1998 pp 86-92.
- OLIVEIRA, Luciano. *Os excluídos existem? Notas sobre a elaboração de um novo conceito*. Revista Brasileira de Ciências Sociais nº 33 ano 12: 49-61.
- PERALVA, Angelina. *Juvenização da violência e angústia da morte*. XX encontro anual da ANPOCS. Caxambu 22 a 26 de outubro de 1996.
- SPOSITO, Marília Pontes, *A sociabilidade juvenil e a rua: novos conflitos e ação coletiva na cidade*. Tempo Social, Revista de Sociologia, USP, S. Paulo, 1993.
- VIANNA, Hermano. *O mundo funk carioca*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1997.

WACQUANT, Loic J. D. *O retorno do recalcado: violência urbana, raça e dualização em três sociedades avançadas*. Revista Brasileira de Ciências Sociais nº 24 ano 9: 16-30, 1994.

ZALUAR, Alba. *Teleguiados e Chefes: juventude e Crime. In.: Condomínio do diabo*. Rio de Janeiro, UFRJ/Revan, 1994.

ZALUAR, Alba, *Crime, medo e política*, Rio de Janeiro, DCS, IFCH/IMS-UERJ, 1998.

Marco A. M. Bourguignon
Rua La Plata, 46 Ilha do Governador
Cep. 21.921-070 Rio de Janeiro - RJ